



CATIANE RENATA MATIOLI DA SILVA

A INTERVENÇÃO PSICOMOTORA COMO BENEFÍCIO PARA ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

CATANDUVA
2021

CATIANE RENATA MATIOLI DA SILVA

A INTERVENÇÃO PSICOMOTORA COMO BENEFÍCIO PARA ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Catanduva como requisito parcial para conclusão do curso Especialização Lato Sensu em Saberes e Práticas para a Docência no Ensino Fundamental I.
Orientador: Prof. Dr. Diego Augusto Lopes da Silva.
Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Velloso Heeren.

CATANDUVA
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Bibliotecária: Milene Rosa de Almeida Moura – CRB-8/8264

S586i Silva, Catiane Renata Matioli da.
A intervenção psicomotora como benefício para alunos
no Ensino Fundamental I / Catiane Renata Matioli da Silva.
Catanduva, SP : IFSP, 2021.
42 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Instituto
Federal de São Paulo, câmpus Catanduva, 2021.
Orientador: Prof. Dr. Diego Augusto Lopes da Silva.
Co-orientador: Prof. Dr. Marcelo Velloso Heeren.

1. Psicomotricidade. 2. Ensino Fundamental I. Título.

CDD 155.412

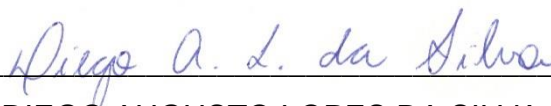
CATIANE RENATA MATIOLI DA SILVA

A INTERVENÇÃO PSICOMOTORA COMO BENEFÍCIO PARA ALUNOS NO ENSINO FUNDAMENTAL I

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, campus Catanduva como requisito parcial para conclusão do curso de Especialização Lato Sensu em Saberes e Práticas para a Docência no Ensino Fundamental I.

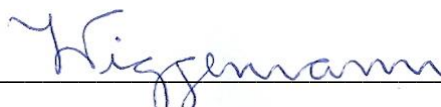
Orientador: Prof. Dr. Diego Augusto Lopes da Silva.

Coorientador: Prof. Dr. Marcelo Velloso Heeren.



DIEGO AUGUSTO LOPES DA SILVA

Instituto Federal de São Paulo – campus Catanduva



IARA SUZANA TIGGEMANN

Instituto Federal de São Paulo – campus Catanduva



CARLOS ROBERTO LOPES JÚNIOR

Instituto Federal de São Paulo – campus Catanduva

Catanduva - SP, 08 de setembro de 2021

Dedico este trabalho à
meu padrasto e minha mãe,
os verdadeiros heróis da minha vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por me dar vida e saúde em tempos tão peculiares;

Aos meus familiares, mãe, padrasto, irmão e marido, pelos incentivos diários.

Aos meus amigos, Gabriel, Mariele e Michele, pelo apoio e paciência.

Aos meus orientadores, Diego e Fábio, por criar em mim o desejo de conhecer o tema e realizar esse trabalho. Muito obrigada.

Aos professores, Marcelo, Iara e Carlos, pelas sugestões e atenção tão especiais nesse trabalho.

"É de grande importância a educação pelo movimento no processo escolar, uma vez que seu objetivo central é contribuir para o desenvolvimento motor da criança o qual auxiliará na evolução de sua personalidade e no seu sucesso escolar."

Le Boulch (1987).

RESUMO

A psicomotricidade é uma ciência que vem sendo aprimorada nas últimas décadas. Surgiu na área neurológica com fins medicinais, pois justificava fenômenos clínicos e teve grande êxito ao ser introduzida na educação como apoio para desenvolvimento motor e de caráter. Na atualidade, essa ciência tem sua prática na educação infantil (de zero a cinco anos de idade) dando base ao conteúdo total de sala de aula, sendo o principal pilar da aprendizagem. Entretanto, ao chegar no ensino fundamental I (de seis a dez anos) a abordagem psicomotora é diminuída na rotina do aluno, sobressaindo-se as atividades no papel, com poucas ações interativas e apenas duas horas semanais de educação física. Esta mudança abrupta pode gerar trauma, desinteresse e perda de significado do processo educativo para muitas crianças, o que culmina em dificuldades de aprendizagem. Este trabalho apresenta a psicomotricidade como intervenção benéfica para alunos do ensino fundamental I. Trata-se de um estudo teórico que teve sua coleta de dados e pesquisa realizados no prazo de um ano. A sequência de fatos descritos e suas justificativas foram embasados em autores referenciados. Com este trabalho, pretende-se apresentar ao pedagogo a importância acadêmica das atividades e treinos motores, frisar seu apoio no desenvolvimento humano nessa faixa etária, e trazer sugestões de atividades funcionais junto com a teoria na busca de expandir o entendimento sobre o assunto.

Palavras-chave: Psicomotricidade; Educação; Ensino Fundamental I.

ABSTRACT

Psychomotricity is a science that has been improved in recent decades. It appeared in the neurological area with medicinal purposes, as it justified clinical phenomena and was very successful when it was introduced in education as a support for motor and character development. Currently, this science has its practice in early childhood education (from zero to five years old) based on the total content of the classroom, being the main pillar of learning. However, upon reaching early years of elementary school (from six to ten years old), the psychomotor approach is reduced in the student's routine, with paper activities standing out, with few interactive actions and only two hours of physical education per week. This abrupt change can generate trauma, disinterest and loss of meaning in the educational process for many children, which culminates in learning difficulties. This work presents psychomotricity as a beneficial intervention for elementary school students. It is a theoretical study that had its data collection and research carried out within a year. The sequence of facts described and their justifications were based on referenced authors. With this work, it is intended to present to the pedagogue the academic importance of activities and motor training, to emphasize their support for human development in this age group, and to bring suggestions for functional activities along with theory in order to expand the understanding of the subject.

Keywords: Psychomotricity; Education; Elementary School.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	10
2. A PSICOMOTRICIDADE	12
3. DO CONCEITO A PRÁTICA	16
4. EDUCAÇÃO AUXILIADORA NA ESCOLA.....	19
5. ÁREAS DA PSICOMOTRICIDADE	23
5.1 COORDENAÇÃO GLOBAL	23
5.1.1 <i>Jogo: O monstro faminto</i>	24
5.1.2 <i>Jogo: Basquete com balões</i>	24
5.1.3 <i>Jogo: Moeda na taça</i>	25
5.2 COORDENAÇÃO FINA E ÓCULO-MANUAL	25
5.2.1 <i>Jogo: Olho alerta</i>	25
5.2.2 <i>Jogo: Marcianinhos e terráqueos</i>	26
5.2.3 <i>Jogo: O quebra cabeça</i>	27
5.3 ESQUEMA CORPORAL	27
5.3.1 <i>Jogo: Pintando o perfil</i>	28
5.3.2 <i>Jogo: Zim, zam, zum</i>	28
5.3.3 <i>Jogo: Mãos e pés</i>	29
5.4 LATERALIDADE	29
5.4.1 <i>Jogo: Piloto sem visibilidade</i>	30
5.4.2 <i>Jogo: Batendo palmas</i>	30
5.4.3 <i>Jogo: Salto elástico</i>	31
5.5 ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL.....	31
5.5.1 <i>Jogo: Lançamento de chinelo</i>	32
5.5.2 <i>Jogo: O que é mais pesado?</i>	32
5.5.3 <i>Jogo: Cores e tamanhos</i>	33
5.6 ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL	33
5.6.1 <i>Jogo: Palmas de papel</i>	34
5.6.2 <i>Jogo: O anel comunitário</i>	34
5.6.3 <i>Jogo: Dança da cadeira</i>	35
6. BENEFÍCIOS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I.....	36
7. CONCLUSÃO.....	39
8. REFERÊNCIAS.....	41

1. INTRODUÇÃO

Muito se tem discutido, atualmente, sobre a importância acadêmica dos primeiros anos do aluno na rede de ensino fundamental: seus primeiros traços, leituras, trabalhos e avanços reconhecidos pelos docentes. A transição do ensino infantil para o ensino fundamental carrega a evolução da aprendizagem, o crescimento do intelectual, e o destaque antes dado ao desenvolvimento psicomotor do aluno passa a ser, no novo cenário, os fatores cognitivos.

De um modo geral, a psicomotricidade é uma ciência aplicada ao ensino infantil, observando que nessa faixa etária, de zero a cinco anos de idade, ela compõe um conjunto de atividades empregado em tempo integral. O aluno acostuma-se com essas atividades fazendo parte da sua rotina escolar, em que o desenvolvimento de suas etapas e o seu progresso é significativo e satisfatório.

Todavia, essa rotina é quebrada bruscamente quando o aluno passa para o ciclo seguinte, o ensino fundamental I, na faixa dos seis aos dez anos de idade. A criança que se encontrava na busca do desenvolvimento motor vê-se, no cenário atual, sentada por quase cinco horas recebendo informações orais e, neste contexto, produzindo pouco conteúdo. Por esta razão, a passagem de ciclo escolar pode ser traumática para o aluno e o processo educativo perde parte da significância e desperta menos interesse.

Diante disso, é admissível questionar-se sobre o impacto que essa ruptura metodológica imprime nos aprendentes. Quais são as consequências dessas mudanças no interesse e no rendimento dos alunos? Como essas mudanças interferem na relação afetiva existente entre a criança e o educador, até então pautada em interações quase maternas? O que determina a necessidade de substituição da abordagem essencialmente psicomotora por uma abordagem cognitiva mais abstrata? Essa transição é gradativa o suficiente para ser absorvida e entendida pelo aluno? Quais as consequências do abandono quase total da abordagem psicomotora na aprendizagem?

Como pode ser observado, muitas são as questões que se levantam sobre esse assunto. No entanto, este estudo teórico encontrou muita dificuldade para ser realizado e muitas dessas perguntas continuam sem resposta. Isso se deve ao fato de muitos autores tratarem da psicomotricidade no início da vida e na fase da educação infantil, mas raros registros tratarem de explorar esse olhar voltado para o

desenvolvimento psicomotor nos anos em que se discorre sobre o ensino fundamental.

Isto posto, esse trabalho teve por objetivo apresentar o conceito de psicomotricidade, discorrer sobre sua compreensão como traço evolutivo no processo de aprendizagem, passando pelo começo da vida sob o cuidado materno e pela sua importância acadêmica dentro da escola, desde a educação infantil até a transição para o ensino fundamental I. Em seguida, serão abordadas as áreas da psicomotricidade, a partir das quais serão sugeridos jogos e brincadeiras de fácil realização por professores, com a proposta de fornecer subsídios para a adoção de práticas psicomotoras nas aulas. Também discutir-se-ão os problemas possivelmente relacionados ao abandono da abordagem psicomotora e os benefícios da sua reinserção nos anos iniciais do ensino fundamental.

Para tanto, foi conduzida uma revisão bibliográfica sobre o tema em livros e nas bases de dados virtuais Google Acadêmico e Scielo. As palavras-chave utilizadas para a busca foram “psicomotricidade” e “ensino fundamental I”. Neste momento já se percebeu a dificuldade de encontrar trabalhos dedicados ao tema, o que sugere que esta é uma área de estudo carente de pensadores e muito promissora para a realização de pesquisas futuras. A partir do material coletado, foram tecidas as discussões que compõem os capítulos a seguir.

2. A PSICOMOTRICIDADE

Antes de tudo faz-se necessário conhecer algumas definições da psicomotricidade e pontos históricos relevantes. Definir o significado da psicomotricidade não é uma tarefa fácil. O termo pode ser aplicado em diferentes contextos, dependendo da área de concentração de quem a tem como ferramenta de estudo. Para a construção deste trabalho, diversos autores foram consultados em busca de definições para esta ciência, dentre as quais foram escolhidas algumas que melhor se aplicam ao objeto de estudo aqui apresentado.

A Associação Brasileira de Psicomotricidade (ABP) a define da seguinte forma:

Psicomotricidade é a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo. Está relacionada ao processo de maturação, onde o corpo é a origem das aquisições cognitivas, afetivas e orgânicas. É sustentada por três conhecimentos básicos: o movimento, o intelecto e o afeto. Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE, 2019).

Entende-se que a psicomotricidade estuda a maturação do sistema nervoso tendo por alicerce o movimento, o intelecto e o afetivo. Relaciona o interno do ser humano ao externo, e o que está ao seu redor, embasando-se em outras ciências como a biologia, psicologia, psicanálise, sociologia, linguística e educação física.

Outra definição pertinente vem de Fonseca (1995), que salienta que a psicomotricidade é um meio inesgotável de afinamento perceptivo-motor que põe em jogo a complexidade dos processos mentais, fundamentais para a polivalência preventiva e terapêutica das dificuldades de aprendizagem.

De Meur e Staes, no seu livro “Psicomotricidade: educação e reeducação” (1984), a vislumbram como técnica de autoconhecimento corporal e de conhecimento de seu ambiente, definindo o termo como:

A psicomotricidade é a posição global do sujeito. Pode ser entendido como a função de ser humano que sintetiza psiquismo e motricidade com o propósito de permitir ao indivíduo adaptar de maneira flexível e harmoniosa ao meio que o cerca. Pode ser entendido como um olhar globalizado que percebe a relação entre a motricidade e o psiquismo como entre o indivíduo global e o mundo externo. Pode ser entendido como uma técnica cuja organização de atividades possibilite à pessoa conhecer de uma maneira concreta seu ser e seu ambiente de imediato para atuar de maneira adaptada”. (DE MEUR E

STAES,1984, p.39).

E por fim, cabe a reflexão proposta por Xisto e Benetti (2012), que concluíram em seu estudo que a psicomotricidade tem papel importante em idade escolar, uma vez que trabalha na prevenção de problemas como: afetividade, leitura e escrita, matemática, atenção, lateralidade, dominância lateral, funções cognitivas, socialização e trabalho em grupo. Assim, destaca-se que não se trata apenas de uma ciência voltada para o corpo, mas também para a maturação do raciocínio.

Com esse pensamento, trataremos a psicomotricidade como uma ciência única e correlacionada às outras mencionadas acima, capaz de solucionar questões do corpo e da mente. Um recurso que pode ser aplicado a vida toda com o intuito de manifestar o desenvolvimento pleno.

Quando analisamos a psicomotricidade por um olhar histórico temos seu ponto inicial em 1870 por Karl Wernick.

Historicamente o termo "psicomotricidade" aparece a partir do discurso médico, mais precisamente neurológico, quando foi necessário, no início do século XIX, nomear as zonas do córtex cerebral situadas mais além das regiões motoras. Com o desenvolvimento e as descobertas da neurofisiologia, começa a constatar-se que há diferentes disfunções graves sem que o cérebro esteja lesionado ou sem que a lesão esteja claramente localizada. São descobertos distúrbios da atividade gestual, da atividade práxica. Portanto, o "esquema anátomo-clínico" que determinava para cada sintoma sua correspondente lesão focal já não podia explicar alguns fenômenos patológicos. É, justamente, a partir da necessidade médica de encontrar uma área que explique certos fenômenos clínicos que se nomeia, pela primeira vez, a palavra PSICOMOTRICIDADE, no ano de 1870. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE, 2019).

Uma descoberta para a neurologia, a psicomotricidade era trabalhada na área médica para justificar fenômenos cerebrais que tinham ligação com o corpo em movimento.

Outros fatos históricos importantes citados na ABP fazem referência a Ernest Dupré, neuropsiquiatra que afirmou em 1909 a independência da debilidade motora (antecedente do sintoma psicomotor) de um possível correlato neurológico; a Henry Wallon, psicólogo que em 1925 associou movimento ao afeto; a Edouard Guilmain, neurologista que em 1935 usava exame psicomotor para diagnóstico; e a Julian de Ajuriaguerra, psiquiatra que em 1947 redefiniu o conceito de debilidade motora, considerando-a como uma síndrome com suas próprias particularidades.

Nas primeiras décadas do século XX percebemos nas produções a preocupação com a Educação Física, especialmente no que diz respeito a seu papel no desenvolvimento cognitivo das crianças. A criação dos parques infantis em São Paulo na década de 1930 visava contribuir para a formação higiênica das crianças de 3 a 12 anos de idade da classe trabalhadora, e com isso a Educação Física foi enfatizada na perspectiva da recreação. A partir da década de 1970, a psicomotricidade adentrou esse cenário pedagógico. Percebemos que, desde então, o discurso da Educação Física, especialmente quanto a suas finalidades na educação infantil, tem buscado nela seu respaldo. Na perspectiva da “formação integral”, os estudos acerca do desenvolvimento e da aprendizagem motora também foram incorporados. (MATHEAZZO *et al*, 2018, p. 70).

A partir deste princípio novos estudos foram surgindo sobre a psicomotricidade. Na psicanálise, temos as contribuições de Jean Piaget, cuja classificação sobre o desenvolvimento motor é muito popular na área.

O quadro descreve, de modo detalhado, como a pesquisa foi realizada, explicitando quais métodos e técnicas foram empregados.

Quadro - Estágios do desenvolvimento motor segundo Piaget (1971)

Sensório-motor 0 a 2 anos	Pré-operatório 2 a 7 anos	Operações concretas (operacional concreto) 7 a 12 anos	Operações formais (lógico-formal) 12 à fase adulta
<p>A partir dos reflexos neurológicos básicos, o bebê começa a construir esquemas de ação para assimilar o meio.</p> <p>A inteligência é prática.</p> <p>O contato com o meio é direto e imediato, sem representação ou pensamento.</p>	<p>Já pode agir por simulação, “como se”. Sua percepção é global, sem discriminar detalhes.</p> <p>A criança passa a atingir o domínio do simbolismo, associado sempre um objetivo a alguém ou a alguma coisa.</p> <p>É este simbolismo que capacita a criança a desenvolver a linguagem matemática e a verbal.</p> <p>Estágio em que a criança está voltada para si mesma.</p> <p>Corresponde ao período pré-escolar.</p> <p>Apresenta dois estágio diferentes: egocêntrico (2 a 4 anos) e intuitivo (5 a 7 anos) – aparece a função simbólica.</p>	<p>Já é capaz de relacionar diferentes aspectos e abstrair dados da realidade.</p> <p>Ainda depende do mundo concreto para chegar à abstração.</p> <p>Desenvolve a capacidade de refazer um trajeto mental, voltando ao ponto inicial de determinada situação.</p> <p>A criança é capaz de usar a lógica para chegar às soluções da maior parte dos problemas concretos.</p> <p>Mantém a dificuldade em lidar com problemas não concretos.</p> <p>O desenvolvimento ocorre a partir do pensamento pré-lógico para as soluções lógicas de problemas concretos.</p>	<p>A representação agora permite abstração total.</p> <p>A criança não se limita mais à representação imediata.</p> <p>A operação formal se dá através da linguagem, sem relação necessária com o dado concreto, apenas através do raciocínio.</p> <p>O pensamento lógico já consegue ser aplicado a todos os problemas que surgem.</p>

Fonte: (MATHEAZZO *et al*, 2018, p. 75)

Piaget defende seu ponto de vista dividindo estágios, em que cada um deles reflete as atribuições de uma faixa etária. No sensório-motor o indivíduo sente o mundo com o corpo, reconhece pelo toque e aprende com isso. No pré-operatório se destaca o egocentrismo, a criança tem dificuldade de reconhecer o outro, através da ideia de que tudo existe para ela mesma. No estágio operações concretas temos o começo do entendimento do mundo por meio do concreto. E no último estágio, operações formais, Piaget sugere que a criança atinge uma base dedutiva e relaciona com o que não é concreto.

Por fim, outro grande estudioso que é destaque da área é Jean Le Boulch, criador do método da Psicocinética, psicólogo, médico e educador físico. Le Boulch inovou defendendo a psicomotricidade nas escolas.

A psicomotricidade de Le Boulch (1983) justifica sua ação pedagógica colocando em evidência a prevenção das dificuldades pedagógicas, dando importância a uma educação do corpo que busque um desenvolvimento total da pessoa, tendo como principal papel na escola preparar seus educandos para a vida, utilizando métodos pedagógicos renovados, procurando ajudar a criança a se desenvolver da maneira possível, contribuindo dessa forma para uma boa formação da vida social. (Apud XISTO E BENETTI, 2012).

3. DO CONCEITO A PRÁTICA

Uma das pesquisas que analisam a importância da psicomotricidade na transição da educação infantil para o ensino fundamental I foi a desenvolvida por Rosemberg e Borzone (2004), contemplando o contexto argentino. Essas autoras analisaram as semelhanças e diferenças nas interações discursivas entre professoras e alunos nos dois níveis de ensino, avaliando que as interações discursivas na escola de educação infantil correspondem em maior medida a um processo de colaboração, enquanto no ensino fundamental relacionam-se mais a um processo de transmissão do conhecimento guiado pela sequência iniciação-resposta-avaliação (MEHAN, 1979 apud Neves et al. 2011, p. 123-124).

Com a pesquisa citada acima, é possível compreender o quanto é traumático para uma criança o processo de mudança entre os dois ciclos educacionais. O ensino infantil tendo como alicerce a psicomotricidade, e o ensino fundamental I voltado para questões cognitivas. O aluno sente a quebra de padrão e muitas vezes apresenta desânimo com relação ao novo sistema.

Psicomotricidade, portanto, é um termo empregado para uma concepção de movimento organizado e integrado, em função das experiências vividas pelo sujeito cuja ação é resultante de sua individualidade, sua linguagem e sua socialização. (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE, 2019).

Nesta transição, a etapa de aprendizagem e socialização passa a ser substituída por um processo diferente e desafiador para os pequenos que estavam anos trabalhando da mesma forma organizada, sobre rotinas pré-estabelecidas. Considerando os efeitos encontrados na mudança de ciclo sobre os alunos, entende-se que a afetividade entre professor- aluno inicia a aceitação da criança com sua nova realidade.

Já dissemos que a afetividade é este estimulante constante e necessário de todo desenvolvimento psicomotor. Ela não se concebe a não ser em um pareamento relacional, no interior de uma relação com objetos. Trata-se aí, evidentemente, de objetos condensados (do amor, da ternura e da satisfação), encarnados em primeiro lugar na presença materna. Já insistimos sobre este ponto: nenhuma função infantil pode ser isolada do cuidado materno “restaurador” da unidade pré-natal e provedora de amor. É aqui que se fundam as integrações psicossomáticas fundamentais. Necessidades fisiológicas e psicológicas são indissociáveis no bebê. O contato do corpo vale, para ele, como animação e contato humano; como despertar sensível e integração vivida da qual sairão, com os rudimentos do

Ego, a percepção obscura – cada vez mais fina – dos limites. A partir daí pode se instaurar um início de adaptação onde terá lugar inclusive a interiorização do apoio materno. (CHAZAUD, 1978, p. 51).

Esse auxílio materno no desenvolvimento humano relatado por Chazaud revela-nos o quão importante é a afetividade para o amadurecimento. Temos a mãe como primeira incentivadora: o bebê aprenderá a locomover-se imitando seus atos, avançará recebendo carinho e será inibido com ações de reprovação, o que para o pequeno ser será registrado como algo ruim ou errado. Deste modo, criará suas primeiras ações motoras tendo o cuidado materno como base e o afeto construído por ambos como material fundamental. No ensino infantil, o professor passa a exercer esse papel, mantendo proximidade física e afetiva com o aluno. Entretanto, no ensino fundamental I, ocorre uma mudança brusca, um enfraquecimento dessa relação de proximidade, acompanhado de uma transformação das metodologias empregadas, o que pode gerar associações negativas por parte do educando ao processo de aprendizagem.

Para discorrer mais sobre o efeito psicomotor no desenvolvimento humano e na aprendizagem, o autor Vitor da Fonseca, no Congresso Internacional “Educación Infantil y Desarrollo de Competencias” em Madrid (2008) define a psicomotricidade como campo transdisciplinar que estuda e investiga as relações e as influências, recíprocas e sistêmicas, entre o psiquismo e a motricidade.

O **psiquismo** nesta perspectiva é entendido como sendo constituído pelo conjunto de funcionamento mental, ou seja, integra as sensações, as percepções, as imagens, as emoções, os afetos, os fantasmas, os medos, as projeções, as construções mentais etc., assim como a complexidade dos processos relacionais e sociais. [...] A **motricidade** nesta dimensão é entendida como o conjunto de expressões mentais e corporais, envolvendo funções tónicas, posturais, somatognósticas e práxicas que suportam e sustentam as funções psíquicas. Com base neste pressuposto, a motricidade não pode ser compreendida apenas nos seus efeitos extras somáticos, aliás como a linguagem, uma vez que ela depende de motivações, significações internas e fins que justificam, não sendo possível portanto, separá-los dos processos psicológicos que integram, representam, elaboram e executam, na medida em que ela se encontra sempre em coesão e coibição com a fenomenologia das necessidades, com a contextualização das situações e com a diversidade das circunstâncias, a partir das quais é desencadeada como ato significativo e intencional único entre os seres vivos. (FONSECA, 2008, p. 1-2).

Entende-se que a união desses dois termos, psiquismo e motricidade, é o que constitui a psicomotricidade. O ato mental com o ato físico, as motivações em cada

gesto, as pequenas vitórias diárias que percorremos até concretizar uma ação. Vivemos em aprendizagem, cada uma auxiliando a seguinte. Só é significativo o que sentimos, entendemos, compreendemos. O pequeno ser ao sentir o contato da mãe não o reproduz de primeira, ele experimenta a sensação, reflete sobre ela, tenta e falha, reflete mais tentando inúmeras vezes até compreender o que deve ser feito e então sim fazer. Um simples toque precisa ser aperfeiçoado e entendido para existir.

Portanto, entendemos aqui que a ação que se assemelha à materna, de fundamental importância para o desenvolvimento do bebê, é o fator psicomotor usado pelos docentes para garantir a aprendizagem. O afeto que é parte da psicomotricidade, ameniza os impactos que a transmissão escolar impõe. Logo o professor tende a copiar no seu ofício traços maternos observando que a proximidade com seu aluno corresponderá nos resultados acadêmicos que este mesmo espera.

4. EDUCAÇÃO AUXILIADORA NA ESCOLA

A psicomotricidade, ciência que teve seu início em consultórios como auxílio para recuperação de pacientes, teve grande êxodo e com o passar dos anos foi inserida na pedagogia moderna com a intenção de agregar e potencializar o trabalho docente num sentido mais amplo. O autor Jacques Chazaud definiu em poucas palavras essa ciência.

A psicomotricidade é, inicialmente, uma determinada organização fundamental da conduta e ação; correlatamente, é um certo tipo de prática da reabilitação gestual. 1. Do ponto de vista do organismo, a psicomotricidade não é uma função simples. É uma encruzilhada que aprendemos a conhecer em sua dimensão de integração. 2. Enquanto campo de uma prática, a psicomotricidade não se define por um conjunto de receitas bem-organizadas, mas pelo dinamismo de um conjunto de exercícios, onde as regras não passam de suportes para uma inventividade renovada a serviço da "promoção" (projeto motor). (CHAZAUD, 1978, p.11-12).

O ponto de vista de Chazaud (1978) estabelece a psicomotricidade como uma prática de reabilitação gestual, conhecendo o corpo, aprendendo a construir novas habilidades, treinando-o para uma melhor condição corpo e alma. Um verdadeiro trabalho diário. No ensino fundamental I, o aluno encontra-se por volta de cinco horas a disposição do aprender, logo a prática do uso do corpo deve estar presente na educação. No ensino de educação física obrigatório vemos a colaboração que esta ciência transfere para o desenvolvimento cognitivo e corporal, porém é relativamente curto o tempo determinado dessa disciplina para desenvolver o educando completamente. Para além de poucas horas na semana, o dinamismo presente nos exercícios deve adentrar a sala de aula sendo usado como instrumento complementar.

A Reeducação Psicomotora aplicada por psicólogos e terapeutas tem como base exercícios simples, no geral iniciados a partir dos cinco anos de idade. Jacques Chazaud (1978) cita as grandes linhas gerais dessa técnica que são: a qualidade tônica, a qualidade gestual, a lateralização, controle, a adaptação temporo-espacial, a grafomotricidade, a recapitulação e conclusão. Na sua obra "Introdução à Psicomotricidade", o autor supracitado explica as linhas com exemplos de como realizar as atividades, proporciona ao docente também ideias de atividades que poderá aplicar em sala de aula.

A Reeducação Psicomotora não poderá se desenvolver senão sobre a base de uma tranquilização e de um intercâmbio afetivo, e graças a um certo modo de “presença” do terapeuta, feito de aceitação, de confiança, de capacidade de dramatização e de revalorização. No entanto, a contribuição relacional deverá necessariamente acompanhar a propriedade dos meios de superar a dificuldade; é nisto que consiste toda a especificidade e a eficácia do método. Entre o polo neurológico e o polo psicológico e situacional, a realização do exercício serve de mediador ao distanciamento e à expressão do vivido na restauração narcisista da unidade psicomotora. Contudo, é preciso notar que a técnica deve se ajustar àquilo que o indivíduo é capaz de suportar, em sua demanda ou sua expectativa. (CHAZAUD, 1978, p. 75).

Segundo o conceito de Chazuad (1978), o corpo ainda em desenvolvimento imita atos do docente como o bebê imita sua mãe, observando que existe a mesma confiança entre ambas as partes. O aluno sente-se confortável na presença do seu professor, com isso facilita o trabalho complementar por meio da afetividade existente, o que com outro especialista poderia necessitar de mais tempo para acontecer. O professor pelo tempo diário que passa em companhia de seus alunos reconhece neles suas carências, suas limitações, e seus receios.

Essas atividades não devem substituir as aulas de Educação Física e sim complementá-las na classe. Não estamos falando em um tipo de ginástica em sala de aula. Ao contrário, segundo Chazaud (1978) trata-se de educação gestual, isto é, do exercício de um sistema “significante”. A ideia é aprimorar no aluno a coordenação motora, a grafia, a lateralidade e demais conceitos que dificultam na criança atividades como andar, falar, escrever, brincar ou até mesmo entender-se com seu corpo.

Segundo Fonseca (2008), objetivo da psicomotricidade é aprofundar a influência das interações recíprocas entre motricidade e o psiquismo humanos, assumindo a unidade, a diversidade e a complexidade transcendente da condição humana. O que em sala de aula seria um complemento vital para o desenvolvimento do aprendiz, potencializando o conhecimento. No trabalho motriz o corpo envolvendo seus músculos sustentam o trabalho da mente, o aluno visualiza na mente e o corpo age conforme suas capacidades e limites.

A sua matriz científica e prática clínica encerra uma concepção de educação, de reabilitação e de terapia psicomotora, em cujo campo se integra a psicomotricidade como um subsistema de conhecimento e de intervenção específica, para além doutros, que tem a finalidade de estudar as condições predisponentes à maximização, otimização e modificabilidade máximas do potencial de adaptabilidade e de aprendizibilidade, do indivíduo normal ou excepcional, tendo em vista a sua acessibilidade eficaz aos vários ecossistemas, quer sejam naturais, culturais, quer arquitetônicos ou tecnológicos. (FONSECA, 2008).

Em ambiente escolar, inserir a psicomotricidade tende a valorizar o sistema de ensino, visando todo educando como um ser em desenvolvimento e aprimoramento contínuo. A psicomotricidade em sala tem um olhar interdisciplinar pois pode ser orientada por várias áreas de ensino. Uma dinâmica pode ter a função de estimular a lateralidade, porém vem acompanhada pelo canto ou gramática da língua portuguesa e ainda contendo os números da matemática por exemplo. Neste contexto, além de estimular a lateralidade, também estabeleceu elo com outras disciplinas não fugindo das propostas acadêmicas pré-indicadas para um grupo de alunos.

A psicomotricidade se desenvolve em cada pessoa pelo estímulo, cada uma aprende ao seu tempo. É natural que algumas aprenderão com mais facilidade, outras demorarão mais, apresentando dificuldades. Entretanto afirmar que esse processo termina no ensino infantil tendo um cenário fragmentado no ensino fundamental é um conceito um tanto precipitado. A psicomotricidade trabalha o corpo todo, não somente o ato escrito, a escrita é apenas um ponto que depende do todo.

Pretende-se evidenciar neste capítulo que, com adaptações, as atividades motoras e afetivas agregam novos estímulos, não apenas para crianças pequenas, mas para o ser humano em geral. A autora Marília Betencourt em sua obra “Do ato ao gesto gráfico”, defende essa técnica no ensino em seu trabalho.

Depois de tantos anos, a partir de onde tudo começou, resolvi me render à referida falta e fazer desse material mais que uma contribuição para a Educação, não só no período da pré-alfabetização, como para a alfabetização propriamente dita, e também para qualquer outro período em que sua utilização se faça necessária. (BETENCOURT, 2007, p. 20).

Com essa defesa, Betencourt (2007) satisfaz o pensamento de que o começo das atividades motoras é realmente na infância, mas o trabalho segue pela necessidade, que a educação tira a prioridade dessa técnica e culpa seus alunos pela falta da consolidação no tempo estabelecido, quando era o dever da escola dar mais estímulos para consolidar cada criança ao seu tempo. Entendendo que conhecimento corporal, cinestésico ou gráfico nunca será considerado exagero quando falamos em formação do ser completo.

Pensando no trabalho em sala de aula a linguagem pode ser adaptada, a proposta ajustada para o grupo ou pessoa. Alunos são facilmente envolvidos pelo material que o professor e a equipe docente acreditam ter potencial. Se o mesmo não entende o porquê de trabalhar de modo diferenciado com sua turma, o ensino de

novos conteúdos será banalizado.

Podemos aplicar esse trabalho tanto no individual como em grupo e, para atingir o objetivo desejado, é importante observar como o indivíduo está se desenvolvendo psicomotoramente, e, trabalhá-lo sempre em relação ao seu esquema corporal, à sua orientação espacial, ao seu vocabulário e às suas funções intelectuais. Como o desenvolvimento cognitivo obedece a uma ordem que passa pelo concreto, o abstrato e o gráfico, é necessário saber a história de cada sujeito, para melhor avaliar se ele já pode começar a executar o tipo de tarefa proposta e/ou quando seguir em frente. Por isso, independente de se trabalhar com grupos homogêneos ou heterogêneos, cada um pode seguir no seu próprio ritmo. (BETENCOURT, 2007, p. 21)

Há necessidade de entender os alunos, as atividades sugeridas para eles, estudar o impacto por trás de conteúdos bem ou mal executados. Inspirada por Betencourt (2007) entendemos que uma simples atividade de “ponto a ponto”, em que seu objetivo é seguir de um ponto para outro, geralmente encontrada para ensinar a sequência numérica é um grande apoio motor se o professor assim o vir e introduzir como ferramenta auxiliadora.

Conforme Betencourt (2007), precisamos estar atentos aos nossos alunos, pois uma dificuldade ou resistência educacional, ocasionalmente, encontra-se ligado ao trabalho motor. Assim então, respeitar o ritmo de cada um é fundamental.

5. ÁREAS DA PSICOMOTRICIDADE

Entende-se, por fim, que o trabalho psicomotor passa por fases durante o desenvolvimento do indivíduo. Essas fases, quando aprimoradas, facilitam o seu cotidiano. Um aluno que não recebe estímulos para o desenvolvimento psicomotor pode apresentar, além de desordens motoras, dificuldade escolar e em atividades sociais. Em relação a isso, observamos que muitos estudantes não concluem essas fases na pré-escola e adentram o ensino fundamental cercados de lacunas que, com a continuidade desse trabalho, poderiam ser sanadas ou ao menos mitigadas.

Tendo identificado essa fragilidade e na tentativa de contribuir com soluções para esse problema, serão apresentadas, a seguir, algumas áreas da psicomotricidade e algumas sugestões de atividades que podem ser aplicadas por professores do Ensino Fundamental I em suas aulas. Essas atividades foram escolhidas entre as sugestões apontadas na obra de Allué (2010) a partir da lista de critérios abaixo:

- Apresentar uma ou mais áreas psicomotoras;
- Ser indicada para crianças na faixa etária do ensino fundamental I;
- Conter uma lista de materiais simples e de fácil acesso;
- Poder substituir alguns materiais por materiais recicláveis;
- Ter um conceito lúdico e de aproximação docente-discente;
- Poder ser realizadas em qualquer local, sendo espaço pedagógico ou não.

5.1 COORDENAÇÃO GLOBAL

A coordenação motora global diz respeito ao corpo do indivíduo e do seu equilíbrio. Constantino (2013) observa que através da movimentação e da experimentação, o indivíduo procura seu eixo corporal, vai se adaptando e buscando um equilíbrio cada vez melhor. Quanto mais controle o indivíduo tem do seu corpo, mais facilidade terá em completar um ou mais movimentos por vez.

Oliveira (2015) também relaciona a coordenação global com o equilíbrio que está subordinado às sensações proprioceptivas cinestésicas e labirínticas, observa que para realizar atividades de consciência global querer resistência corporal e força muscular.

A seguir, são propostos três jogos que envolvem essa ideia.

5.1.1 Jogo: O monstro faminto

- Idade: a partir de 5 anos
- Tempo aproximado: 10 minutos
- Material: 1 giz
- Dificuldade: média

Desenha-se, no chão, um grande monstro com a boca aberta. Todos os participantes têm que caber sobre o corpo do monstro. Todos os participantes colocam-se dentro do monstro afastando-se da cabeça. Dado o sinal, cada um trata de empurrar os outros para dentro da boca do monstro sem cair nela. Os participantes “devorados” permanecem dentro da boca e tratam de arrastar os que ainda não caíram (ALLUÉ, 2010, p. 17).

5.1.2 Jogo: Basquete com balões

- Idade: a partir de 7 anos
- Tempo aproximado: 30 minutos
- Participantes: 4 ou mais
- Material: 1 balão, 2 cestas de lixo, papel
- Dificuldade: média

Em cada extremo da sala, onde se brincar, são colocadas duas cestas. Em seguida, os participantes dividem-se em dois grupos. A cada grupo corresponderá uma cesta. Para conseguir marcar pontos cada grupo deverá introduzir o balão na cesta do adversário. Para iniciar a brincadeira, o balão é jogado para o alto no centro da sala. Para movê-lo, os participantes poderão tocá-lo somente com os dedos indicadores e não poderão agarrá-lo de nenhuma maneira. Cada vez que um time fizer cesta, marcará um ponto. O time que fizer cesta colocará o balão em jogo novamente no centro do recinto (ALLUÉ, 2010, p. 42).

5.1.3 Jogo: Moeda na taça

- Idade: a partir de 7 anos
- Tempo aproximado: 5 minutos
- Participantes: 1
- Material: 1 bacia, 3 moedas, 1 taça e giz
- Dificuldade: baixa

Encher-se a bacia com água e, em seguida, submerge-se a taça no centro da bacia. A uns 2 metros de distância está marcada a linha de lançamento. Cada participante poderá efetuar três lançamentos. Os participantes tentarão introduzir a moeda na taça. Esse é um desafio e tanto, pois a água deforma as distancias e ao ter contato com a água, a moeda muda sua trajetória. Os participantes receberão 1 ponto por cada acerto e 2 pontos extras se conseguirem acertar 3 vezes (ALLUÉ, 2010, p. 49).

5.2 COORDENAÇÃO FINA E ÓCULO-MANUAL

Principalmente usada na escrita, a coordenação motora fina e óculo-manual tem relação com trabalho manual. Constantino (2013) salienta que é necessário que haja também um controle ocular, isto é, a visão acompanhando os gestos da mão. Logo, é preciso atentar-se não apenas nas mãos do indivíduo, mas se este está acompanhando com os olhos desenvolvimento ambas as partes do corpo. A reprodução dos movimentos tanto das mãos, como dos olhos aprimoram essa área. Para Oliveira (2015) coordenação fina tem relação com atos feitos por pequenos grupos musculares em atividades que exigem um alto nível de destreza, mais refinados e precisos. Veja abaixo jogos com essa temática.

5.2.1 Jogo: Olho alerta

- Idade: a partir de 7 anos
- Tempo aproximado: 5 minutos

- Participantes: 1
- Material: 6 lápis ou palitos da mesma espessura e tamanho, arame, fita adesiva, massinha de modelar, cartolina e tesouras
- Dificuldade: baixa

São confeccionados óculos de cartolina. Deixa-se uma das “lentes” sem cortar, para que um olho fique tapado. Numa extremidade do lápis, é acrescentada uma circunferência de arame de uns 3 centímetros de diâmetro. Os outros lápis são presos a um suporte com a ajuda da massa de modelar. É importante que não fiquem em linha. O participante coloca os óculos e tenta passar a argola ao redor do primeiro lápis. Se conseguir, prossegue passando ao lápis seguinte. Se o participante falhar em alguma tentativa, terá que voltar e recomeçar. Isso é muito provável que aconteça, pois vendo com apenas um olho não temos o sentido da profundidade (ALLUÉ, 2010, p. 50)

5.2.2 Jogo: *Marcianinhos e terráqueos*

- Idade: a partir de 6 anos
- Tempo aproximado: 10 minutos
- Participantes: 3 ou mais
- Material: 1 prendedor de roupas
- Dificuldade: alta

Mediante sorteio, é escolhido quem será o marciano e os demais serão terráqueos, que se distribuem pelo pátio. O marciano conta até dez e sai perseguindo os terráqueos com o prendedor nas mãos. Os participantes fugirão dele. Ao perseguir alguém poderá dizer em voz alta: “bip-bip” e o perseguido terá que dar um salto em resposta. Quando o marciano conseguir prender o prendedor na roupa de um dos terráqueos, acontece uma inversão de papéis (ALLUÉ, 2010, p. 61).

5.2.3 Jogo: O quebra cabeça

- Idade: a partir dos 10 anos
- Tempo aproximado: 30 minutos
- Participantes: 6 ou mais
- Material: 1 folha de papel, 1 lápis por grupo, 1 tesoura e 1 balde.
- Dificuldade: média

Os participantes dividem-se formando grupos e fazem um desenho no papel. O líder da atividade recolhe os desenhos, corta-os em seis pedaços e põem no balde. Os participantes colocam-se a 5 metros do balde. Após o sinal, um membro de cada grupo corre até o balde para buscar uma peça para recompor o desenho feito pelo outro grupo. Um participante não pode pegar mais de uma peça e nem olhá-la detalhadamente até chegar a seu grupo. Se a peça não lhe servir, o seguinte, que correrá ao balde, a devolverá. O objetivo é completar o quebra-cabeça antes que os outros (ALLUÉ, 2010, p. 105).

5.3 ESQUEMA CORPORAL

O esquema corporal remete-se ao corpo do indivíduo e o que o rodeia. Constantino (2013) explica que o corpo deve ser entendido não somente como algo biológico e orgânico que possibilita a visão, a audição, o movimento, mas é também um lugar que permite expressar emoções. Assim, é uma ação que não exige treino, mas uma experiência motora que deve acontecer para ser desenvolvida.

Sandri (2010) discorre em seu estudo sobre a profundidade dessa área aplicada na escola. Na educação infantil, seja ensino regular ou educação especial, a criança busca experiências em seu próprio corpo, formando conceitos e organizando o esquema corporal. A abordagem da Psicomotricidade irá permitir uma melhor compreensão da forma como a criança toma consciência do seu corpo e das possibilidades de se expressar por meio desse corpo, localizando-se no tempo e no espaço. O movimento humano é construído em função de um objetivo. A partir de uma intenção como expressividade íntima, o movimento transforma-se em comportamento significativo. É necessário que toda a criança passe por todas as etapas em seu

desenvolvimento.

Assim, é possível entender que as experiências vividas pelos alunos potencializam a consciência da ação do próprio corpo. O movimento tem significado, existe para um fim, por um objetivo. O professor pode tornar o educando conhecedor dessa área em si. Veja agora três jogos que podemos trabalhar o esquema corporal:

5.3.1 Jogo: Pintando o perfil

- Idade: a partir de 5 anos
- Tempo aproximado: 10 minutos
- Participantes: 2 ou mais
- Material: 1 giz
- Dificuldade: baixa

À sua vez, cada participante deita-se no chão e assume qualquer posição que sugira a uma ação, como correr, pular etc. Seu companheiro de brincadeira risca seu perfil com o giz. Feito isso, levanta-se e, entre os dois, preenchem os detalhes que queiram. O segundo participante deita-se tentando adotar uma posição semelhante desenhada de seu companheiro. Vão acrescentando novas silhuetas e desenhos à composição até que acabe o espaço disponível (ALLUÉ, 2010, p. 17).

5.3.2 Jogo: Zim, zam, zum

- Idade: a partir de 7 anos
- Tempo aproximado: 10 minutos
- Participantes: 3 ou mais
- Material: metros de elástico
- Dificuldade: média

São escolhidos dois participantes para que segurem o elástico e formem o emaranhado. Os outros formam uma fila indiana para passarem quando chegar sua vez. Aqueles que seguram o elástico espicham com as mãos até formar um X. Então

dizem: “zim” enquanto esticam um braço, “zam” ao esticar o outro e “zum” quando pisarem sobre o elástico. Como resultado de seus movimentos, é criada uma rede. Os participantes, um de cada vez, tentarão cruzá-la aproveitando-se dos espaços formados pelos elásticos. Se um participante tocar no elástico, ou em um dos suportes, será encarregado de segurar o elástico na brincadeira (ALLUÉ, 2010, p. 64)

5.3.3 Jogo: Mãos e pés

- Idade: a partir de 8 anos
- Tempo aproximado: 5 minutos
- Participantes: 6 ou mais
- Material: nenhum
- Dificuldade: média

Escolhe-se um condutor do jogo que permanecerá de pé e os outros sentam-se no solo formando um círculo. Cada participante coloca-se atrás de seu companheiro da direita. O condutor do jogo falará em voz alta que parte do corpo os participantes devem tocar. Por exemplo: “Mão esquerda, pé direito”. Todos deverão tocar o pé direito do companheiro de trás com a mão esquerda. Todos os participantes seguirão as indicações o mais rápido possível. Progressivamente, o condutor do jogo aumentará a velocidade das trocas e a complexidade das ações a serem realizadas. Quando o participante erra, pode ser eliminado da partida ou todos podem jogar sem eliminar ninguém por pura diversão. De tempos em tempos troca-se o condutor da brincadeira (ALLUÉ, 2010, p. 256).

5.4 LATERALIDADE

A lateralidade refere-se a dominância de um lado do corpo: a mão que segura o lápis, o olho que enxerga pelo buraco da fechadura, e o pé que mantém o equilíbrio nas brincadeiras. Inspirada em Constantino (2013) e Oliveira (2015) visamos que um lado é mais forte e o outro o auxilia, sendo que um lado sozinho dificilmente completaria uma ação total. O lado dominante apresenta: maior precisão, maior força

e maior agilidade. Nessa área que conhecemos se o indivíduo é de dominância destra, canhota ou ambidestra (se dominar ambos os lados). Veremos agora jogos que usam dessa proposta.

5.4.1 Jogo: *Piloto sem visibilidade*

- Idade: a partir de 8 anos
- Tempo aproximado: 30 minutos
- Participantes: 2 ou mais
- Material: 1 venda para os olhos
- Dificuldade: média

Os participantes decidem o trajeto a ser realizado dentro da casa. Por exemplo: do quarto até a porta de entrada passando pela sala. São entregues os papéis de guia e do piloto. Este tem seus olhos vendados e o guia lhe indicará o caminho dizendo-lhe: “Um passo para a direita, dois para a esquerda...”. O piloto sem visibilidade sai a percorrer seu trajeto acompanhando pelo guia. Quando consegue completá-lo, trocam-se os papéis. Se participarem mais de uma dupla, podem realizar o percurso ao mesmo tempo. O objetivo não é chegar em primeiro, mas, sim, chocar-se o menos possível contra os obstáculos (ALLUÉ, 2010, p. 44).

5.4.2 Jogo: *Batendo palmas*

- Idade: a partir dos 6 anos
- Tempo aproximado: 5 minutos
- Participantes: 2 ou mais
- Material: nenhum
- Dificuldade: baixa

Os participantes ficam um em frente ao outro, com as mãos abertas e os braços dobrados de modo que as palmas fiquem à altura dos ombros. Um dos participantes será o líder, dizendo: “esquerda”, “direita”, “as duas”, conforme as mãos que deverão

juntar-se com as do companheiro. Quando disser “direita”, tocam-se as mãos direitas, se disser “esquerda”, tocam-se as mãos esquerdas e quando disser “ambas” tocam-se as mãos direitas e esquerdas. Após cada encontro das mãos é dada uma palmada. O líder vai incrementando a velocidade das palmas à medida que a brincadeira vai avançando (ALLUÉ, 2010, p. 111).

5.4.3 Jogo: Salto elástico

- Idade: a partir de 5 anos
- Tempo aproximado: 10 minutos
- Participantes: 4 ou mais
- Material: alguns elásticos
- Dificuldade: baixa

Mediante sorteio, são escolhidos os participantes que irão segurar os elásticos. Os demais formam fila esperando sua vez para saltar. Aqueles que seguram os elásticos devem passá-los por trás dos tornozelos. O primeiro participante pisa sobre o primeiro elástico com os calcanhares de costa aos que os seguram. O participante salta dando meia-volta no ar e tenta cair pisando com os dois pés na outra parte do elástico. Se não conseguir, terá que substituir um dos que seguram o elástico. Conforme a brincadeira vai se desenrolando, os que seguram os elásticos vão afastando os pés para aumentar a dificuldade do salto (ALLUÉ, 2010, p. 172).

5.5 ESTRUTURAÇÃO ESPACIAL

A estruturação espacial tem a ver com a perceber a posição do corpo no espaço e dos objetos em relação a si mesmo. Constantino (2013) explica que é através do espaço e das relações espaciais que nos situamos no meio em que vivemos, que estabelecemos relações entre as coisas, que fazemos observações, comparando-as, combinando-as, vendo as semelhanças e diferenças entre elas. Pensando assim, um indivíduo consegue perceber sua posição no lugar e organizar as coisas ao seu redor. Essa área tem como foco a orientação, tendo noção de volume, posição, movimento,

tamanho, superfície, formas e qualidades.

Ferreira (2017) resume a estruturação espacial dizendo:

A estruturação mental é uma elaboração e uma construção mental através dos movimentos do indivíduo em relação aos objetos que estão em seu meio, sendo assim, o sujeito irá localizar-se no espaço que o circunda e situar as coisas umas em relação às outras, por exemplo, distância, frente-atrás, em cima, embaixo, esquerda-direita, etc. (FERREIRA, 2017).

Com isso vamos observar atividades que utilizam essa temática e que podem ser realizadas por docentes:

5.5.1 Jogo: Lançamento de chinelo

- Idade: a partir de 8 anos
- Tempo aproximado: 5 minutos
- Participantes: 2 ou mais
- Material: 1 chinelo velho ou outro objeto prático para lançamento
- Dificuldade: baixa

É marcada a linha de lançamento na qual ficará o participante que fará o lançamento. O lançador, com o chinelo na mão, ficar para trás da linha com as pernas abertas e se abaixa um pouquinho com a mão entre os joelhos. Balançando o braço entre as suas pernas, o participante atirá o chinelo sobre si mesmo o mais longe possível. Será marcado o lugar onde caiu o chinelo para ver quem chega mais longe. Essa competição costuma ser muito divertida (ALLUÉ, 2010, p. 29).

5.5.2 Jogo: O que é mais pesado?

- Idade: a partir de 6 anos
- Tempo aproximado: 10 minutos
- Participantes: 2 ou mais
- Material: 1 balança, 5 objetos pequenos (chaves, relógio, copo, etc.), papel e lápis
- Dificuldade: baixa

É conveniente que um adulto seja o condutor da brincadeira. Para começar a atividade, ele apresentará aos participantes cinco diferentes objetos sobre a mesa. Os participantes deverão observar os objetos durante aproximadamente 15 segundos. Todos tentarão ordená-los mentalmente de menor o maior sem poder tocá-los. O condutor da brincadeira pergunta, um por um, aos participantes, como eles ordenariam os objetos do menos ao mais pesado e vai tomando nota num papel. Feito isto, os objetos são pesados um por um e ordenados segundo seu peso do menor ao maior. Quem se aproximar mais da solução correta escolhe outros cinco objetos para continuar brincadeira (ALLUÉ, 2010, p. 38).

5.5.3 Jogo: Cores e tamanhos

- Idade: a partir de 6 anos
- Tempo aproximado: 5 minutos
- Participantes: 2 ou mais
- Material: nenhum
- Dificuldade: baixa

Os participantes estabelecem uma ordem de tal forma que quando o último acabar de jogar, é de novo a vez do primeiro. O primeiro participante diz uma cor, por exemplo: “verde”, e o segundo acrescenta um critério de seleção: maior, igual ou menor. O terceiro participante começará a brincadeira dizendo o nome de qualquer coisa que seja da cor mencionada. Cada participante, na sua vez, dirá um novo nome. Se, por exemplo, foi dito “maior”, cada novo elemento terá que ser de tamanho maior que o anterior; se for “menor”, será de tamanho menor e se for dito “igual” terá que ser de tamanho parecido. Cada série segue até que não consigam acrescentar mais palavras ou algum participante repita alguma que já foi dita (ALLUÉ, 2010, p. 109).

5.6 ESTRUTURAÇÃO TEMPORAL

A estruturação temporal relaciona-se ao espaço e tempo com ligação no movimento. Constantino (2013) explica que o corpo se coordena, movimenta-se

continuamente dentro de um espaço determinado, em função do tempo, em relação a um sistema de referência. É por esta razão que sempre nos referimos à orientação espaço-temporal de forma integrada. Para o indivíduo, a percepção dessa área acompanha o ritmo, os sons, a linguagem, a leitura, no conceito de hoje, ontem e amanhã.

Ferreira (2017) salienta sobre a forma que a leitura exige a percepção temporal e a sincronização entre a leitura e os movimentos oculares (olhos), e linguagem interior (mental) em coordenação com a respiração para a leitura em voz alta. Vejamos então atividades que desenvolvem essa proposta.

5.6.1 Jogo: Palmas de papel

- Idade: a partir de 5 anos
- Tempo aproximado: 5 minutos
- Participantes: 2 ou mais
- Material: 1 folha de papel par cada participante
- Dificuldade: média

Os participantes ficam de pé formando um círculo, segurando uma folha de papel entre as palmas das mãos, que são mantidas juntas em sua frente. Dado o sinal, todos começam a aplaudir, com cuidado para que a folha não caia no chão quando as mãos se separarem. Os participantes que deixam a folha cair retiram-se da brincadeira. Os outros continuam aplaudindo. O barulho é ensurdecedor. A atividade termina quando restar somente um participante aplaudindo com a folha de papel entre as mãos. Normalmente, a brincadeira se repete (ALLUÉ, 2010, p. 35).

5.6.2 Jogo: O anel comunitário

- Idade: a partir de 6 anos
- Tempo aproximado: 30 minutos
- Participantes: 4 ou mais
- Material: 2 cones, 1 argola de 10 centímetros de diâmetro, cordão, 1 tudo de

25 centímetros de comprimento e 3 de diâmetro por participante e 1 cronômetro.

- Dificuldade: média

Amarra-se a argola em um pedaço de cordão de 1 metro de comprimento para cada participante. Se não tiver uma argola, esta poderá ser fabricada recortado uma garrafa de plástico. Passa-se o outro extremo do cordão pelo tudo, e amarra-se com folga suficiente para poder passar a mão e usá-lo de alça. Elege-se um condutor do jogo para cronometrar 3 minutos, e colocam-se os canos separados por uns 3 metros. Cada participante sustenta uma alça e espera o sinal de início. Ao dar o sinal, os participantes tentarão passar a ponta de um dos cones pela argola esticando suas cordas, coisa que requer bastante coordenação. Quando conseguirem, vão até o outro cone para fazer o mesmo. Repete-se a operação tantas vezes quanto puderem, até que se esgote o tempo (ALLUÉ, 2010, p. 215).

5.6.3 Jogo: *Dança da cadeira*

- Idade: a partir de 5 anos
- Tempo aproximado: 10 minutos
- Participantes: 6 ou mais
- Material: 1 cadeira a menos que o número de jogadores e 1 rádio
- Dificuldade: média

Posicionam-se as cadeiras formando um corredor com os encostos para dentro enquanto o condutor do jogo liga o rádio. Com a música tocando, os jogadores dão voltas ao redor das cadeiras. Quando o condutor parar a música, os jogadores se sentarão em uma das cadeiras. Como haverá uma a menos, o que não conseguir sentar-se, é eliminado. A cada parada retira-se do jogo uma cadeira. Ganha quem se sentar por último (ALLUÉ, 2010, p. 300).

6. BENEFÍCIOS PARA O ENSINO FUNDAMENTAL I

Após analisar as áreas da psicomotricidade o questionamento que fica é o porquê devemos dar continuidade a um trabalho que geralmente não acompanha o ensino fundamental I em sala de aula? Esse pensamento limitado é o motivo desse estudo. Não associar o trabalho psicomotor aos fracassos e sucessos do educando é uma falha dos formadores da atualidade.

Quando discorreu sobre coordenação global, Constantino (2013) cita uma pessoa no piano que usa as mãos e os pés para executar uma melodia. Nesse raciocínio, precisamos entender que dentro de sala de aula o aluno usa seus músculos para cumprir ações básicas como se sentar, andar, equilibrar-se. Trabalhar essa área daria um controle maior ao aluno.

E quando nos referimos a coordenação fina e óculo-manual, refletimos mais sobre o aluno ao usar um caderno: todo contato necessita ser desdobrado a partir do apoio pedagógico. Constantino (2013) faz até uma listagem de que precisamos para conseguir desenvolver a escrita:

O desenvolvimento da escrita depende de diversos fatores: maturação geral do sistema nervoso; desenvolvimento psicomotor geral; coordenação global do ato de sentar-se; desenvolvimento da motricidade fina dos dedos da mão; dissociação e controle dos movimentos; controlar a pressão gráfica exercida sobre o lápis e o papel, para alcançar maior destreza e conseqüentemente maior velocidade no movimento. Portanto, a escrita implica, em uma aquisição de destreza manual organizada a partir de certos movimentos, a fim de reproduzir um modelo. (CONSTANTINO, 2013).

Temos na visão geral dessa lista de Constantino (2013) uma preocupação maior do que simplesmente entregar um caderno e deixar a criança sozinha. Entendemos que o aluno que apresenta falhas no caderno está na verdade mostrando qual área não compreendeu no trabalho feito pelo ensino infantil e dando dicas de onde o professor pode começar a ajudá-lo.

A mesma preocupação estende-se também para a área psicomotora corporal, tendo em vista que o saber da existência do corpo e suas capacidades é essencial para o desenvolvimento.

Crianças que não tem consciência de seu próprio corpo podem experimentar algumas dificuldades como insuficiência de percepção ou de controle de seu corpo, incapacidade de controle respiratório, dificuldades de equilíbrio e de coordenação. [...] Uma perturbação de esquema corporal pode levar a uma

impossibilidade de se adquirirem os esquemas dinâmicos que correspondem ao hábito visomotor e também intervém na leitura e escrita. (CONSTANTINO, 2013).

A lateralidade que está presente em toda a atividade física do aluno, nas mãos, nos pés, e nos olhos, apresenta a dificuldade de reconhecer os polos e em si mesmo o lado dominante e o lado de apoio. Tendo uma lateralidade bem desenvolvida a criança terá como experimentar noções da área de estruturação espacial, aprendendo conceitos importantes na aprendizagem como observa Constantino (2013) abaixo:

A criança aprende também as noções de:

- Situações (dentro, fora, no alto, abaixo, longe, perto);
- Tamanho (grosso, fino, grande, médio, pequeno, estreito, largo);
- Posição (em pé, deitado, sentado, ajoelhado, agachado, inclinado);
- Movimento (levantar-se, abaixar-se, empurrar, puxar, dobrar, estender, girar, rolar, cair, levantar-se, subir, descer);
- Formas (círculo, quadrado, triângulo, retângulo);
- Qualidade (cheio, vazio, pouco, muito, inteiro, metade);
- Superfícies;
- Volumes.

(CONSTANTINO, 2013).

Na sala de aula, professores observam atos como letra espelhada nos cadernos dos alunos e não associam esse comportamento como uma falta psicomotora. Do mesmo modo na matemática, matéria em que mais usamos as noções dessa área, que docentes observam a dificuldade do aluno em posicionar números em contas, errando resultados por falta de organização e culpam a falta de atenção da criança.

E finalmente observamos na área de estruturação temporal, o ritmo necessário para falar/cantar, ler, dançar, movimentar-se. Na sala observamos a leitura como um grande desafio, sobre esse assunto Constantino (2013) diz:

A criança não se organiza, também, na direção esquerda-direita. Pode haver problema na falta de padrão rítmica constante. A falta de ritmo motor ocasiona uma falta de coordenação na realização dos movimentos. Uma criança que tenha falta de padrão rítmico visual, ao ler algum trecho, seus olhos “grudam” em um canto da página e não se movem visualmente nem para frente, nem para trás, tornando a leitura pobre e comprometida. (CONSTANTINO, 2013).

Conforme cita Lorena Sandri (2010) em seu artigo, as dificuldades de aprendizagem que ocorrem na faixa etária dos 6 aos 7 anos, são consequências de um todo vivido com seu próprio corpo, e não apenas de problemas específicos de aprendizagem de escrita e leitura, como disgrafia e dislexia. Entendemos com isso

que nessa faixa etária, início do ensino fundamental I, o ensino deveria apresentar mais para o aluno do que apenas papel e lápis. Estamos nos referindo a crianças que, no geral, não finalizaram as etapas psicomotoras e ainda precisam de apoio. Contudo, deixar esse trabalho exclusivamente para ser desenvolvido na área de educação física está resultando em novas dificuldades visíveis no espaço escolar.

Para obterem-se resultados positivos, é importante o trabalho integrado da equipe profissional para atuar nos processos de reabilitação, aprendizagem e ou estimular as habilidades motoras, psicomotoras, sensoriais, cognitivas, sociais e afetivas, considerando as potencialidades de cada criança. A psicomotricidade usada como ferramenta na educação especial, contribui através da expressão do corpo, do brincar. Toda criança deveria poder brincar, pois as brincadeiras são fontes de estímulo ao desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança, além de ser também uma forma de autoexpressão (SANDRI, 2010).

Desta forma, acreditamos que um trabalho integrado seria realizado por uma equipe completa no espaço escolar, contendo: professores, educadores físicos, coordenadores, diretores e também profissionais como psicólogos, fonoaudiólogos. Entendemos que pareça presunçoso esse ideal, porém estamos considerando as contribuições no desenvolvimento físico, emocional e mental dos alunos presentes no ensino fundamental I. Dificilmente seria possível atingir a posse de tal equipe em todas as escolas, pensando que essa discussão fugiria do contexto escolar e estaríamos envolvendo outras esferas sociais. Queremos apenas com esse estudo trazer informação para docentes refletindo sobre o que é possível hoje, como o que temos em mãos, trazendo visibilidade a uma ciência que está disponível para completar a grade cotidiana e solucionar questões como mencionamos acima.

7. CONCLUSÃO

Neste trabalho, descrevemos as nuances da psicomotricidade enquanto uma ciência ramificada, apoiada em diversos saberes cujos alicerces são o movimento, o intelecto, o afeto e a interação com o meio. Pelo que foi analisado a partir de estudo de vários autores ao longo da história a psicomotricidade é aplicada na pedagogia potencializando o aprendizado. Identificamos o valor dessa ciência e como deveria obter mais relevância nos anos iniciais do ensino fundamental I.

É importante ressaltar o desenvolvimento infantil, o bebê que tende a imitar a mãe para construir esquemas mentais que levam aos avanços motores e cognitivos. Levamos esse ponto em consideração para mostrar que é o docente na escola que assume esse papel maternal, de forma que o incentivo dos professores é o responsável por dar continuidade ao desenvolvimento da criança, considerando o tempo que passam juntos.

O presente estudo mostra que o motivo de a literatura ter tão pouco a acrescentar sobre o uso da psicomotricidade no ensino fundamental I foi o pensamento de que o trabalho motor seria útil especialmente para o desenvolvimento infantil. No entanto, não há que se determinar idade para o estímulo ao desenvolvimento corporal, sobretudo quando se sabe que ele está atrelado ao desenvolvimento cognitivo. É claro que identificamos que crianças tem mais facilidade para progredir fisicamente ao passo em que experienciam o mundo ao seu redor, porém é indicado que os estímulos psicomotores continuem sendo oferecidos, já que não há limite de idade para o aprender. Quando o discente muda de ciclo, seu corpo ainda não atingiu um desenvolvimento pleno e total. Ao contrário, é comum observar que o aluno aponta em suas produções no caderno que ainda não tem o domínio psicomotor necessário, quando tem dificuldade para segurar um lápis, escreve com letra espelhada ou sofre para montar uma operação.

A apresentação de ideias representativas de cada área da psicomotricidade nesse estudo objetivou exemplificar maneiras de inserir esta prática no cotidiano do ensino fundamental. Muitas vezes saber o que é necessário ajuda, mas dar exemplos expande as possibilidades de como introduzir a psicomotricidade num espaço em que essa ciência pouco aparece, apropriando-se dos benefícios necessários que a prática teria na formação do educando. Compreende-se a vasta grade que os alunos possuem no dia a dia escolar. Porém, nossa busca foi embasada no que seria possível

realizar quando pensamos em atividades de treinamento. As atividades mencionadas no capítulo cinco deste estudo foram escolhidas pensando no seu desenvolvimento em pequenos intervalos de tempo e com material comum a todas as escolas, não sendo necessário muito tempo, esforço ou investimento para explorar e se beneficiar dos jogos de desenvolvimento motor.

Por fim, acreditamos que a intervenção psicomotora, mais precisamente nos anos iniciais do ensino fundamental I, teria um impacto transformador se trabalhada com maior afinco e esforço da parte docente, e com garantia de condições estruturais e incentivo institucional para a educação pretendida.

8. REFERÊNCIAS

ALLUÉ, J. M. **Jogos para todo o ano: Primavera, Verão, Outono e Inverno**. 2. ed. Jandira: Ciranda Cultural Editora e Distribuidora LTDA, 2010. 320 p.

BETTENCOURT, M. L. S. **Do ato ao gesto gráfico: Sugestões Psicomotoras, Cinestésicas e Gráficas para Aquisição da Lecto-Escritura**. 1. ed. Rio de Janeiro: Graffito Gráfica e Editora LTDA, 2007, 147 p.

CHAZAUD, J. **Introdução à psicomotricidade: Síntese dos enfoques e dos métodos**. Tradução Urias Corrêa Arantes. 1 ed. São Paulo: Editora Manole, 1978.

FONSECA, V. **Desenvolvimento psicomotor e aprendizagem**. In: Congreso Internacional "Educación Infantil Y Desarrollo De Competencias", 2008, Madrid. **Anais...** Madrid: Asociación Mundial de Educadores Infantiles (AMEI-WAECE), 2008. n.p.

CONSTANTINO, C. A. **As Áreas da Psicomotricidade**. Pedagogia ao Pé da Letra, 2013. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/as-areas-da-psicomotricidade/>>. Acesso em: 24 de novembro de 2021.

FERREIRA, E. C. **Contribuições da psicomotricidade no processo de aquisição da leitura e da escrita**. 2017. 46f. Especialização em Psicomotricidade. Universidade Cândido Mendes, Rio de Janeiro, 2017.

FONSECA, V. **Introdução às dificuldades de aprendizagem**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. 388 p.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **Histórico da psicomotricidade**. Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/historico-da-psicomotricidade/>>. Acesso em 13 de março de 2021.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOMOTRICIDADE. **O que é psicomotricidade?** Rio de Janeiro, 2021. Disponível em: <<https://psicomotricidade.com.br/sobre/o-que-e-psicomotricidade/>>. Acesso em: 06 de abril de 2021.

MATHEAZZO, A. N. M. et al. A criança e o esporte: a infância vista pela sociedade no contexto histórico. In: LUIZ JUNIOR, H. S. et al. **Gestão pública no esporte: Relatos e Experiências**. São Paulo: CREF4/SP, 2018, p. 67-95.

MEUR, A.; STAES, L. **Psicomotricidade: Educação e reeducação**. 1. ed. São Paulo: Editora Manole, 1984. 226p.

NEVES, V. F. A.; GOUVÊA, M. C. S.; CASTANHEIRA, M. L. **A passagem da educação infantil para o ensino fundamental: tensões contemporâneas**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 01, p. 121-140, jan./abr., 2011.

OLIVEIRA, G. C. **Psicomotricidade: Educação e Reeducação num enfoque**

Psicopedagógico. 20. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2015. 152p.

SANDRI, L. S. L. **A psicomotricidade e seus benefícios.** Revista de Educação do IDEAU, Getúlio Vargas, v. 5, n. 12, p. 1-15, jul./dez., 2010.

XISTO, P. B.; BENETTI, L. B. **A psicomotricidade:** uma ferramenta de ajuda aos professores na aprendizagem escolar. Monografias Ambientais. São Gabriel. v. 8, n. 8, p. 1824-1836, ago., 2012.